

## **“Mulheres de Vida Fácil”? Conexões entre Tempo, Prazer e Sofrimento no Ofício de Prostitutas de Belo Horizonte (MG)**

### **Autoria**

Kely Cesar Martins de Paiva - [kelypaiva@face.ufmg.br](mailto:kelypaiva@face.ufmg.br)

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD/UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Jefferson Rodrigues Pereira - [jeffersonrodrigues@live.com](mailto:jeffersonrodrigues@live.com)

Curso de Mestr Acadêmico em Admin/Unihorizontes - Centro Universitário Unihorizontes

Letícia Rocha Guimarães - [leticia\\_roch@hotmail.com](mailto:leticia_roch@hotmail.com)

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD/UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

Jane Kelly Dantas Barbosa - [jane\\_kdantas@hotmail.com](mailto:jane_kdantas@hotmail.com)

Centro de Pós-Grad e Pesquisas em Admin – CEPEAD/UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

### **Agradecimentos**

Agradecimentos à FAPEMIG e ao CNPQ.

### **Resumo**

Trabalhando com o prazer de diversas pessoas diariamente e fazendo valer a máxima de que “tempo é dinheiro”, as prostitutas constituem um grupo de profissionais que estão à margem da sociedade, assim como dos estudos da área de Administração. Deste modo, o objetivo deste artigo é analisar como percepções temporais influenciam vivências de prazer e de sofrimento no trabalho de prostitutas de Belo Horizonte (MG). Para tanto, foi realizado um estudo de caso, de natureza descritiva e abordagem qualitativa. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, tendo sido abordadas 15 profissionais dos chamados “hotéis de batalha”, localizados numa tradicional “zona” do centro da cidade. Os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo. Da análise dos resultados, percebeu-se que as prostitutas associam o tempo a um recurso e isto vincula-se a vivências de prazer e de sofrimento, no sentido de que a administração adequada do tempo (notadamente com velocidade e pontualidade) gera para elas o dinheiro, a principal fonte de prazer do seu trabalho, devido ao que ele pode lhes proporcionar (sustento próprio e de familiares, principalmente). Contudo, esse tempo de trabalho é também fonte de vivências de sofrimento, uma vez que as prostitutas naturalizam e/ou tentam lidar com aquilo que lhes traz incômodos em relação ao trabalho e às consequências que ele acarreta a elas – estigmatização, opressão, discriminação, humilhação, violências etc. – e frente à sociedade, de modo geral.

## “Mulheres de Vida Fácil”? Conexões entre Tempo, Prazer e Sofrimento no Ofício de Prostitutas de Belo Horizonte (MG)

**Resumo:** Trabalhando com o prazer de diversas pessoas diariamente e fazendo valer a máxima de que “tempo é dinheiro”, as prostitutas constituem um grupo de profissionais que estão à margem da sociedade, assim como dos estudos da área de Administração. Deste modo, o objetivo deste artigo é analisar como percepções temporais influenciam vivências de prazer e de sofrimento no trabalho de prostitutas de Belo Horizonte (MG). Para tanto, foi realizado um estudo de caso, de natureza descritiva e abordagem qualitativa. A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, tendo sido abordadas 15 profissionais dos chamados “hotéis de batalha”, localizados numa tradicional “zona” do centro da cidade. Os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo. Da análise dos resultados, percebeu-se que as prostitutas associam o tempo a um recurso e isto vincula-se a vivências de prazer e de sofrimento, no sentido de que a administração adequada do tempo (notadamente com velocidade e pontualidade) gera para elas o dinheiro, a principal fonte de prazer do seu trabalho, devido ao que ele pode lhes proporcionar (sustento próprio e de familiares, principalmente). Contudo, esse tempo de trabalho é também fonte de vivências de sofrimento, uma vez que as prostitutas naturalizam e/ou tentam lidar com aquilo que lhes traz incômodos em relação ao trabalho e às consequências que ele acarreta a elas – estigmatização, opressão, discriminação, humilhação, violências etc. – e frente à sociedade, de modo geral.

**Palavras-chave:** Prazer e Sofrimento. Percepções Temporais. Tempo. Prostituta. Prostituição.

### 1 Introdução

A prostituição é popularmente tratada como a profissão mais antiga da humanidade e tal senso comum se dá em função da história bíblica de Maria Madalena, a prostituta mais conhecida do mundo (Bassermann, 1994). A imagem das prostitutas sempre permeou a história humana, havendo relatos de que, nas primeiras civilizações mesopotâmicas e egípcias a figura da prostituta era envolta por um caráter sacro, sendo, em alguns momentos, vinculada a divindades (Roberts, 1992). Tal imagem foi sendo desconstruída a partir da queda do império romano, momento no qual os homens que detiam o poder passaram a propagar a ideia de que a prostituição era um ato moralmente repreensível e que traria corrupção ao resto da sociedade (Roberts, 1992).

Notavelmente, esse momento histórico pode ser considerado o prelúdio dos processos de desmoralização e estigmatização da mulher-prostituta e do seu trabalho. Decaindo de um posto de divindade, sobrou-lhe ser o resto e a escória da sociedade, ou seja, a imagem sacra foi então demonizada, atribuindo uma pecha de pecado a esses “seres errantes”, por muitos marginalizadas e comparadas a bandidos e assassinos (Fanganiello, 2008; Pereira *et al.*, 2016). Atualmente, a prostituição, de acordo com Barreto (2013), está relacionada à depravação sexual, como uma espécie de dimensão moral de um corpo doente, afinal “a própria definição de prostituição é indicativa dessa visão, sendo compreendidas como relações sexuais antinaturais e/ou moralmente condenáveis, como adultério, concubinato e poligamia” (Barreto, 2013, p. 75).

A definição de prostituição passou a residir na atividade por meio da qual se estabelece uma relação de troca entre sexo e dinheiro (MTE, 2008). Entretanto, a tentativa de se explicar a prostituição apenas baseando-se nas pessoas que a praticam, considerando-a como um simples processo de troca de serviços de caráter sexual por dinheiro, pode ser considerada limitante, dado que a “prostituição é antes de tudo uma organização lucrativa, nacional e internacional de exploração sexual do outro” (Legardinier, 2009, p. 198). Nesse sentido, Cunha (2014) acrescenta que o que realmente define a prostituição vai além da ideia de sexo remunerado; segundo a autora, a identidade social da prostituta fundamenta-se sob o

fato desta mulher se relacionar com inúmeros homens, abusando dos prazeres carnavais sem a finalidade de procriação, indo, portanto, de encontro com as regras de honestidade socialmente estabelecidas.

Importa sublinhar ainda, nesse contexto, a imagem de perigo à saúde que permeia a imagem da prostituta, disseminada em função de epidemias de doenças sexualmente transmissíveis em algumas cidades brasileiras em meados do século XIX. Como reflexo disso, a prostituição passou a ser vista como algo perigoso, algo “escondido nos ‘antros’ e coberto por um ‘véu’. Um perigo desconhecido que, apesar de ‘repugnante’, ‘imundo’, ‘miserável’ e ‘degradante’, deve ser estudado pelo médico” (Engel, 1989, p.66). Sendo assim, a prostituição assume o estigma de “trabalho sujo”, ou seja, de tarefas física, social e/ou moralmente asquerosas, que simbolizam algo degradante ou humilhante (Hughes, 1958; Ashforth; Kreiner, 1999; Lhuillier, 2012).

Como resultado da convergência de todos os fatores até aqui expostos, a imagem da prostituta segue sendo [des]construída, associada, basicamente, a dois “pecados capitais”, a luxúria e a preguiça. Nasce, então, a ideia socialmente difundida de que a prostituta não gosta de trabalhar, e ela é transmitida por uma linguagem coloquial que as alcunha como “mulheres de vida fácil” (Lobo & Sampaio, 2016). Como reflexo de tal associação, lhes são negados vários direitos fundamentais, dentre eles os direitos trabalhistas, dado que não são vistas como trabalhadoras, e sim como vagabundas, fúteis, oportunistas e preguiçosas (Lobo & Sampaio, 2016), formatando-se o estereótipo da “puta” (Leite, 2008). Apesar dessa visão, em que a prostituição é uma realidade velada, uma ocupação invisível ou invisibilizada pela sociedade, ela abrange o expressivo número de mais de 40 milhões de adeptos no mundo, sendo que destes cerca de 75% são mulheres com idades entre 13 e 25 anos (Meihy, 2015). No caso do Brasil, a profissão foi reconhecida em 2002, cuja nomenclatura “profissionais do sexo” foi oficializada pelo Estado em sua Classificação Brasileira das Ocupações (CBO), embora não seja encarada assim pela sociedade e até mesmo pelas próprias prostitutas.

Estudos acerca dessa profissão evidenciam a necessidade de cautela, principalmente em função da fragmentação entre identidade, trabalho e prostituição (Sacramento & Ribeiro, 2014; Meihy, 2015; Lobo & Sampaio, 2016; Pereira *et al.*, 2016; 2016a). Esses estudos demonstram uma autonegação das próprias condições humanas e de trabalho, em termos agregados, sendo possível notar um auto preconceito de serem prostitutas e, mais delicado, de serem humanas. Destaca-se, ainda, a transitoriedade que este trabalho assume na vida dessas pessoas, pois, segundo a maioria das prostitutas, elas “batalham” com o anseio de saírem da prostituição e assumirem um “trabalho comum”, um “trabalho mais digno” (Pereira *et al.*, 2016a).

Como pano de fundo desse cenário, salienta-se a importância do trabalho na sociedade, uma vez que, além de prover a subsistência humana, ele pode contribuir para o desenvolvimento da personalidade, da identidade e criar sentido existencial tanto no âmbito individual quanto coletivo (Martins & Honório, 2014). Nesse sentido, o trabalho constitui-se como uma das mais importantes esferas da vida, assumindo, por conseguinte, uma posição de centralidade na vida das pessoas (Augusto, Freitas & Mendes, 2014). Entretanto, é importante destacar que ele pode configurar-se como fonte de prazer e/ou de sofrimento, concomitantemente (Dejours, 1999; Martins & Honório, 2014).

Para o caso específico das prostitutas, as vivências de prazer e de sofrimento e todos os aspectos que envolvem esta complexa diáde são influenciados por questões relacionadas ao tempo, dado que, no seu cotidiano laboral, o tempo é percebido e negociado como uma mercadoria, um recurso que não pode ser desperdiçado. Sob esse viés, identifica-se o que Harvey e Sobral (1994) definem como mudanças nas concepções de tempo e espaço, que cada vez mais se apresentam de maneira fragmentada e efêmera. Em outras palavras, sob uma ótica capitalista, as vivências de trabalho são construídas tendo por base um sistema de controle

intensivo do tempo e do espaço em prol da geração de lucro, reforçando, por conseguinte, a ideia de que “tempo é dinheiro” (Harvey & Sobral, 1994), jargão comumente utilizado por indivíduos em situação de prostituição.

Tendo por base o exposto, a questão norteadora deste estudo pode ser enunciada da seguinte forma: como percepções temporais influenciam as vivências de prazer e de sofrimento no trabalho de prostitutas? O objetivo da pesquisa, por sua vez, é analisar de que forma o modo como o tempo é percebido influencia as vivências de prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas, especificamente as que trabalham numa zona tradicional (Rua Guaicurus), no centro da cidade de Belo Horizonte (MG). Este espaço é popularmente conhecido como rua do ‘sobe e desce’, em função do intenso fluxo de homens subindo e descendo as escadas dos prostíbulos. A região é composta por inúmeros “hotéis de batalha”, estabelecimentos geralmente de três andares, nos quais o primeiro andar sempre abriga um “estabelecimento comum”, como lanchonetes e lojas de peças para carros, como uma tentativa de diluir a dinâmica local, escondendo a “pouca vergonha” do restante da paisagem urbana (Barreto & Prado, 2010). Nos demais andares, os espaços são subdivididos em diversos pequenos quartos que são alugados em regime de diária para que as prostitutas prestem seus serviços (Pereira *et al.*, 2016).

## **2 Sobre Prazer e Sofrimento no Trabalho**

O trabalho pode ser entendido como uma necessidade do homem enquanto ser social (Antunes, 2008), ocupando cada vez mais papel central na vida dos sujeitos (Castro & Cançado, 2009), em especial na sociedade brasileira, em que ser um “trabalhador” é um valor básico e distingue o “cidadão” do “marginal” (Veriguine, Basso & Soares, 2014), ultrapassando aspectos objetivos e atingindo a subjetividade dos sujeitos. O trabalho é um *lócus* que envolve o paradoxo entre fontes de prazer e mediadores de saúde e, ao mesmo tempo, fontes de sofrimento humano (Dejours, 1992), constituindo, para alguns, fonte de equilíbrio e, para outros, causa de fadiga (Dejours, 1994).

Entende-se sofrimento como “o espaço de luta que cobre o campo situado entre, de um lado, o ‘bem-estar’, e, de outro, a doença mental ou a loucura”, representando experiências dolorosas oriundas do confronto entre necessidades e expectativas do trabalhador e características do contexto de trabalho (Dejours, 1992, p. 153). As pressões do ambiente laboral podem levar ao sofrimento e, conseqüentemente, a uma perturbação do equilíbrio psíquico e da saúde mental do trabalhador.

O sofrimento caracteriza-se em duas dimensões, quais sejam: diacrônica, que se refere ao sofrimento singular, herdado da história psíquica de cada indivíduo, sendo mais relacionada ao passado do sujeito; e sincrônica, dimensão relacionada ao sofrimento atual, surgido do reencontro do sujeito com a situação do trabalho, ou seja, mais vinculada ao presente; o que demonstra que o sofrimento está vinculado também à dimensão temporal. Uma situação, nesse sentido, ocorre quando as conseqüências do sofrimento em determinada experiência de trabalho vão além do espaço organizacional, isto é, se desenrolam no espaço doméstico e na economia familiar do trabalhador, por exemplo, atingindo também experiências posteriores (Dejours, 1992).

No ambiente de trabalho, existem algumas fontes potenciais de sofrimento, como situações de conflito com colegas e superiores, isolamento, ambiente e/ou condições de trabalho ruins, falta de oportunidades, sobrecarga de tarefas, sensação de perda de controle sobre o próprio tempo, falta de autonomia e ausência de reconhecimento. Dejours (1999, p. 34) afirma que “do reconhecimento depende, na verdade, o sentido do sofrimento”, indicando que a ausência de reconhecimento pode ser fonte de sofrimento, ou pode agravá-lo, gerando frustração; e, por outro lado, a ocorrência do reconhecimento pode cessar o sofrimento e se tornar fonte de prazer, contribuindo para a organização do trabalho e para o alívio das dúvidas

e angústias do trabalhador, “uma vez que o binômio prazer-sofrimento pode conviver nas situações de trabalho” (Castro & Cançado, 2009, p. 22).

Na luta contra o sofrimento, o indivíduo pode elaborar soluções favoráveis à produção (referentes à relação dele com o resultado de seu trabalho) e à saúde (própria do indivíduo), usando o problema como uma espécie de mola propulsora, o que pode ser denominado de sofrimento criativo. Soluções desfavoráveis, por outro lado, podem emergir, caracterizando o sofrimento patogênico, no qual o indivíduo foca apenas nas dificuldades e frustrações. Logo, o sofrimento não é necessariamente contrário à saúde e não implica patologia (Castro & Cançado, 2009). Cabe ressaltar que as condições organizacionais podem contribuir para o engajamento do indivíduo no sentido tanto do sofrimento criativo, quanto do sofrimento patogênico, sendo este o campo de estudos da psicopatologia do trabalho (Dejours, 1992, 1994). Note-se, ainda, que o sofrimento patogênico pode derivar de falhas nas tentativas de adaptação do sujeito-trabalhador, tendo em vista o insucesso de estratégias defensivas por ele desenvolvidas, individual ou coletivamente (Lourenço, Ferreira & Brito, 2013).

Assim sendo, especialistas de diferentes áreas tentam orientar ações no sentido de erradicação do sofrimento no trabalho, entretanto, tal objetivo é em vão, se não absurdo. Ainda que um sofrimento seja afastado, tão logo ele ressurge e se estabelece sob outras formas oferecidas pela realidade. Isso porque os próprios trabalhadores não hesitam em enfrentar dificuldades e adversidades das situações de trabalho, buscando, por vezes, situações de desafios. Assim, o sofrimento no trabalho não representa somente algo prejudicial, mas também algo que pode levar a descobertas e criações socialmente úteis e, desta forma, adquirir um sentido para a vida do indivíduo que o presencia (Dejours, 1992).

Nesse sentido, a carga de trabalho dos indivíduos assume papel significativo, tanto em termos físicos quanto nos mentais, os quais incluem elementos psíquicos, afetivos e relacionais dos trabalhadores. A este respeito, Dejours (1994) salienta que não se quantifica uma vivência que é, sobretudo, qualitativa, como é o caso da carga psíquica no trabalho. Dificilmente mensura-se, por números, o prazer, a satisfação, a frustração, a agressividade, entretanto, esta vivência subjetiva não pode ser relegada a uma simples classificação de fantasmas ou de quantidades negligenciáveis (Dejours, 1992).

Observada esta dificuldade de mensuração, tenta-se compreender a carga psíquica de um trabalhador e os seus efeitos a partir de uma economia psicossomática, também denominada abordagem psicoeconômica. Esta analisa a quantidade de energia psíquica que é possível despender em determinada tarefa, uma vez que tal energia, quando acumulada, retém energia pulsional do indivíduo gerando uma tensão que, novamente, necessita ser descarregada para não gerar problemas psicossomáticos. Assim, o prazer do trabalhador fica associado a esta dispensa de energia, isto é, quanto mais um trabalho permite a diminuição da carga psíquica, mais ele proporciona equilíbrio, caso contrário, mais ele é fatigante (Dejours, 1994).

Dejours (1994) menciona que, para a compreensão da abordagem psicoeconômica da relação homem-trabalho, sublinha-se a organização do trabalho, isto é, a divisão do trabalho e sua repartição entre os trabalhadores, como fonte da carga psíquica do trabalho. Nesta divisão, aparecem questões de dominar, de controlar, de explorar ao máximo a força de trabalho, substituindo o livre arbítrio do trabalhador pela injunção do empregador. A consequência disso é o próprio sofrimento, conforme aponta o autor.

Castro e Cançado (2009), por sua vez, afirmam que as vivências do binômio prazer-sofrimento estão relacionadas a três dimensões interligadas e coexistentes: a subjetividade do trabalhador, considerando sua história de vida e anseios particulares; a organização do trabalho, diante das normas e padrões impostos; e a coletividade, envolvendo as relações hierárquicas e sociais no trabalho. Segundo os autores, a vivência do prazer no trabalho é caracterizada “pela adequação da carga psíquica e, conseqüentemente, pelo melhor

funcionamento do aparelho psíquico do trabalhador, derivado da articulação entre trabalho, necessidades e desejos psicológicos do trabalhador” (Castro & Cançado, 2009, p. 23).

Existem defesas do indivíduo no sentido de aliviar ou lidar com o sofrimento no trabalho. Tamayo e Mendes (1999, p. 13) afirmam que “o indivíduo usa de estratégias e artifícios na tentativa constante de minimizar, evitar ou transformar o sofrimento”. Dejours (1992) menciona o enfrentamento como um tipo de defesa do trabalhador, seja ele empreendido de forma individual ou coletiva, a depender da situação vivenciada. A análise da articulação das situações de enfrentamento auxilia a captar a influência do passado do sujeito sobre sua conduta atual no ambiente laboral e, assim, facilitar a compreensão dos motivos que podem levar à situação vigente de sofrimento (Dejours, 1992).

Destarte, é possível afirmar que a maneira pela qual se dá a organização do trabalho e as vivências e percepções relacionadas ao tempo, influenciam situações de prazer e de sofrimento no trabalho e, ainda, que a reflexão sobre tais fontes de prazer e sofrimento é primordial para o entendimento das experiências do sujeito no mundo laboral e das consequências vinculadas a essas experiências, dado o caráter central do trabalho na vida do homem. Dessa forma, passa-se à reflexão sobre o tema tempo e percepções temporais.

### **3 Tempo e Percepções Temporais**

Estudos envolvendo o tempo são desenvolvidos em vários campos de saber, como religião, arte, filosofia, física, psicologia, sociologia, antropologia, biologia, etc., sendo os estudos mais profícuos aqueles relacionados ao campo da física e da filosofia (Paiva *et al.*, 2013; Klein, 1995; Elias, 1998). Na Administração, trata-se de uma preocupação mais recente (Vergara & Vieira, 2005), mas o tempo é um elemento que permeia e interfere na realidade organizacional, permitindo uma multiplicidade de discussões que contribuam para elucidar seus aspectos e influências, constituindo um tema frutífero e permeado por enigmas. Mello e Tonelli (2002a, p. 12) realçam “a importância de uma reflexão profunda em torno da temporalidade na Administração, seja com estudos qualitativos seja com estudos quantitativos, seja com abordagens críticas seja com abordagens pragmáticas”.

No que tange sua definição, como afirmou Santo Agostinho, é fácil saber o que é o tempo, mas, quando questionados sobre o que ele é, é difícil ser capaz de explicá-lo e defini-lo, uma vez que “só o tempo tem esta qualidade peculiar de nos fazer sentir por intuição que o compreendemos perfeitamente, desde que ninguém nos peça para explicá-lo” (Whitrow, 2005, p. 15).

Diante dessa dificuldade, é natural que surjam distintas classificações ou perspectivas sobre o tempo. Hassard (2001) aborda três tipos de tempo: tempo cronológico (mensurável), tempo simbólico (percebido) e tempo pós-moderno (simultâneo e comprimido). Butler (1995), por sua vez, diferencia quatro categorias: tempo cronológico (mensurável, objetivo), tempo orgânico (processual e coletivo), tempo estratégico (político e negociado) e tempo espasmódico (contraditório e elástico). Já Jönsson (2004) apresenta o tempo como cronológico (mensurável), vivido (experimentado) e de lazer (dedicado ao descanso), além do “tempo de parada” (pausa necessária para a pessoa se organizar antes de iniciar uma tarefa).

Autores como Pizza Jr. (1997), Elias (1998), Paiva e Mageste (2008) e Berger e Luckmann (2004) abordam o tempo como uma construção social. Elias (1998, p. 21) aponta que a “coerção do tempo é de natureza social, posto que é exercida pela multidão sobre o indivíduo, mas também repousa sobre dados naturais, como o envelhecimento”. Nada ocorre alheio ao tempo e ele se tornou um meio de orientação indispensável para a sociedade, sendo, assim, um elemento importante para compreendê-la.

Thompson (1991), um dos pioneiros a estudar profundamente a relação entre o tempo e as mudanças ocasionadas pelo capitalismo industrial, refletiu sobre como essas mudanças afetaram a percepção de tempo dos trabalhadores e a questão da disciplina no trabalho,

alterando as relações de trabalho, já que o controle do tempo e sua associação à remuneração mantém relação direta com sua quantificação, mensuração e controle. Tornou-se, portanto, um elemento de controle no sistema capitalista, ou mesmo uma mercadoria (Hassard, 2001). Essa perspectiva foi aventada por Harvey e Sobral (1994, p. 207), para quem tempo e espaço se tornaram efêmeros e fragmentados em prol do lucro, na égide do capitalismo, já que “o dinheiro pode ser usado para dominar o tempo”.

Assim sendo, o entendimento sobre o tempo não é único e consensual entre as pessoas, mas fonte de percepções e vivências diferentes (Bluedorn & Jaussi, 2007), “variando de acordo com gênero, geração a que pertencem, posição social, cultura e posição hierárquica nas organizações” (Paiva *et al.*, 2011, p. 668), dentre outros fatores, o que denota que o tema carece de atenção e estudos que contemplem suas especificidades.

Discorrendo sobre tempo, Bluedorn e Jaussi (2007) chamam atenção para 5 dimensões temporais, a saber: (1) policronia, que se refere à preferência das pessoas de se envolverem em uma ou mais tarefas simultaneamente; (2) velocidade, relacionada ao número de atividades desenvolvidas a cada unidade de tempo; (3) pontualidade, que significa estar no tempo determinado; (4) profundidade temporal, ligada a distância temporal percebida entre passado e futuro em que os indivíduos podem estar mais sincronizados com um ou outro; e, por fim, (5) arrastamento, que é o ajustamento do ritmo a outras atividades, em uma relação de conexão com as demais dimensões temporais. Essas dimensões temporais podem afetar o relacionamento entre os profissionais, tanto no que tange a duração quanto a qualidade desses relacionamentos, além de trazer possíveis impactos em atitudes e crenças dos profissionais sobre si mesmos e sobre seu trabalho (Bluedorn & Jaussi, 2007).

No Brasil, destaca-se o estudo de Grisci (1999), que relacionou trabalho, tempo e subjetividade, evidenciando que os sujeitos, que antes viam a vida como algo linear, passaram a vê-la como algo cheio de bifurcações e dimensões, tal como um rizoma, com uma velocidade surpreendente que leva a regimes temporais incertos e instáveis. Em consonância com essa ideia, Frezza, Grisci e Kessler (2009), abordaram tempo e espaço analisando a relação entre a compressão espaciotemporal e os modos de trabalhar e viver contemporâneos. Os autores destacaram a influência das tecnologias de informação e comunicação, que dão aos sujeitos a ideia de estarem conectados a todo tempo e em qualquer lugar; a fragilidade dos limites entre o tempo/espaço de trabalho e o tempo/espaço de família/lazer; e os padrões de autogestão impostos no modo de trabalhar contemporâneos, fatores esses que fazem da era da compressão espaciotemporal uma era que ocasiona diferentes impressões, sofrimentos e incertezas.

Soma-se a isto a percepção de Bauman (2007) sobre a compressão espaciotemporal, que representa um tempo de insegurança e incerteza, no qual as tradições foram sendo paulatinamente abandonadas e o passado repudiado para o estabelecimento de um espírito moderno e liquefato, fluído, no qual o tempo flui e as pessoas precisam se manter no ritmo ditado por ele para não se perderem, e “isso significa mudar o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência, os hábitos – em suma, você mesmo – tão frequentemente quanto consiga.” (Bauman, 2007, p. 108).

Essa compressão do tempo, que denota a escravização do indivíduo, implica possíveis sentimentos de sofrimento e opressão (Mello e Tonelli, 2002b), dado o senso de urgência que dita o ritmo do cotidiano das pessoas no trabalho, e até mesmo fora dele, fazendo com que a aceleração e a velocidade comuns no tempo do trabalho invadam também outras esferas da vida das pessoas (Tonelli, 2008). Diante disso, passa-se à metodologia adotada no estudo realizado.

#### **4 Percurso Metodológico**

Este estudo se caracterizou como de natureza qualitativa por buscar compreender, em

profundidade, o cotidiano e as vivências descritas pelos sujeitos da pesquisa (Richardson, 1999), ou seja, as prostitutas entrevistadas. Além disso, foi elaborado sob o ponto de vista de análise interpretacionista que, segundo Vergara e Vieira (2005, p. 67), é uma perspectiva analítica que concebe as organizações como “processos que surgem das ações intencionais das pessoas, individualmente ou em harmonia com outras.”

Quanto aos meios, a investigação constituiu um estudo de caso, entendendo-se como o caso o conjunto de profissionais abordadas (Vergara, 2009), as prostitutas abordadas. Quanto aos fins, foi realizada uma pesquisa descritiva (Vergara, 2009) que se preocupou em detalhar a realidade retratada tanto pelos sujeitos da pesquisa, tanto pelo que foi observado *in loco* nas inserções no campo de pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram as prostitutas da região central da cidade de Belo Horizonte (MG), que trabalham na Rua Guaicurus, sendo a unidade de análise seus prostíbulos, também denominados “hotéis de batalha” ou “hotéis de prostituição”; e a unidade de observação as prostitutas deste local.

Ressalta-se que a região foi escolhida por critérios de intencionalidade e de acessibilidade (Vergara, 2009), ao passo que é um local onde há grande concentração do público em estudo e, culturalmente, tem seu nome atrelado à prostituição, não somente em Belo Horizonte (MG), mas também no país, tendo em vista sua disseminação pelo escritor mineiro Roberto Drummond, no romance Hilda Furacão, publicado em 1991. As prostitutas participantes deste estudo também foram escolhidas tendo por base os critérios de intencionalidade e de acessibilidade (Vergara, 2009), e interpeladas *in loco*, durante o expediente de trabalho, a partir de sua autorização da sua “gerência” em conceder entrevista.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevistas com roteiro semiestruturado, sendo aplicado em 15 prostitutas, entre setembro de 2016 e abril de 2017, com o intuito de desvelar as vivências subjetivas dessas mulheres. O roteiro contemplou, além de dados demográficos, questões sobre prazer e sofrimento interrelacionadas às suas percepções temporais, de modo a esclarecer as diferentes formas que estas experiências se apresentam, bem como suas estratégias de enfrentamento. As categorias de análise foram definidas *a priori*, com base na literatura sobre os temas (contexto de trabalho, riscos, prazer e sofrimento, custos (cargas/violência), ressignificação e estratégias de enfrentamento do sofrimento; velocidade, pontualidade, profundidade, policronicidade, arrastamento, compressão temporal, tempo cronológico), mantendo-se abertura para surgimento de outras. Além disso, foi realizada observação direta assistemática, com vistas a identificar outros aspectos não verbalizados pelas entrevistadas, porém visíveis em seu ambiente de trabalho.

Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas à luz da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2006, p. 38), enquanto “análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” com a intenção objetiva de inferir a respeito das percepções e condições de trabalho relatadas *in loco*, como apresentado e analisado a seguir.

## 5 Apresentação e Análise dos Resultados

Aqui, os sujeitos de pesquisa deste estudo serão identificados a partir dos seus “nomes de batalha” ou “nomes de guerra”, isto é, nomes escolhidos ou criados pelas prostitutas abordadas para sua identificação no ambiente de trabalho (Quadro 1).

Quadro 1:

### Caracterização das entrevistadas

Nome	Idade	Estado civil	Filhos	Naturalidade	Escolaridade	Tempo de Prostituição	Religião
Ana	36	Separada	2	(MS)	Médio completo	4 anos	Não possui
Bianca	30	Solteira	3	Ipatinga (MG)	Técnica em radiologia	5 anos	Evangélica



Carla	39	Solteira	5	Belo Horizonte (MG)	Fundamental incompleto	10 anos	Espírita
Carol	23	Solteira	-	Ilhéus (BA)	Fundamental completo	5 anos	Não possui
Fernanda	20	Solteira	-	Rio de Janeiro (RJ)	Médio completo	2 anos	Candomeblecista
Gi	46	Separada	4	(GO)	Médio incompleto	4 anos	Evangélica
Helen	22	Solteira	1	São Paulo (SP)	Médio completo	3 anos	Evangélica
Lorena	23	Solteira	2	Rio de Janeiro (RJ)	Médio completo	5 anos	Católica
Malu	42	Separada	1	Almenara (MG)	Superior incompleto	6 anos	Não possui
Paloma	26	Solteira	1	(MG)	Superior incompleto	6 anos	Evangélica
Patrícia	32	Solteira	-	Salvador (BA)	Médio completo	5 anos	Evangélica
Sabrina	28	Solteira	-	Belo Horizonte (MG)	Superior incompleto	4 anos	Espírita
Samara	26	Solteira	2	Belo Horizonte (MG)	Fundamental incompleto	2 anos	Evangélica
Suelen	23	“Enrolada”	1	Rio de Janeiro (RJ)	Superior incompleto	4 anos	Candomeblecista
Vitória	32	Casada	2	Assunção (Paraguai)	Superior incompleto	7 anos	Evangélica

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme descrito no Quadro 1, a maioria das participantes deste estudo (12), apesar de se prostituírem na cidade de Belo Horizonte (MG), são oriundas de outras localidades, sendo duas de cidades do interior de Minas Gerais, nove de outros estados brasileiros e uma de outro país, o Paraguai. Nota-se, ainda, grande amplitude de nível de formação acadêmica formal destas, sendo que quatro possuem ensino superior incompleto, três ensino fundamental completo ou incompleto e oito ensino médio completo ou incompleto.

No concernente ao estado civil, a maioria delas não possui nenhum laço de união estável (14), sendo apenas uma casada, ressaltando-se que o marido não sabe a respeito de sua atuação como prostituta. Um aspecto importante a ser salientado é que oito das prostitutas entrevistadas neste estudo se enquadram nas características de ‘jovens trabalhadores’ (idades entre 15 e 29 anos de idade), segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2011).

Interessante sublinhar, ainda, que o “nome de guerra” utilizado pelas entrevistadas deste estudo também reflita questões de ordem pessoal e simbólica, tratam-se de representações da vida, por exemplo: a infância ou sentimentos e identidades pretendidas:

Meu nome eu escolhi por causa de uma professora que eu adorava (Bianca).

Me chamo Patrícia porque meu sonho era ser uma das Patricinhas de Beverly Hills (Patrícia).

Tinha um seriado que eu adorava, Sabrina, a aprendiz de feiticeira, por isso escolhi Sabrina (Sabrina).

Escolhi Vitória porque é um nome forte (Vitória).

Notavelmente, a maioria das entrevistadas (11) possuem filhos, sendo que todas elas justificam o seu atual trabalho em nome deles e, em alguns casos, de outros dependentes da família, como mãe, pai e irmãos. Tais características se fazem presentes também no estudo de Barros (2005), segundo o qual a prostituição, como qualquer outra atividade laboral, tem como finalidade suprir as necessidades intrínsecas à sobrevivência humana. Entretanto, ao se tratar de prostituição, a lógica parece não ser mais a mesma, em função das relações deste trabalho estarem imbricadas com a cultura, a moral e os costumes dominantes. Nesse sentido, “difícilmente regras forjadas há séculos sob alicerces religiosos, morais, políticos e filosóficos cederão espaço à perspectiva da prostituição ser entendida como uma atividade de trabalho como outra qualquer” (Barros, 2005, p.12), ou seja, em função de um estigma social as necessidades básicas de uma prostituta tornam-se diferentes das necessidades básicas de indivíduos em outras atividades laborais, fato lamentável numa sociedade como a brasileira, reconhecida internacionalmente por sua miscigenação e diversidade.

### 5.1 “Tempo é dinheiro”: percepções temporais no cotidiano das entrevistadas

Para compreender as vivências relacionadas ao prazer e sofrimento no trabalho de mulheres em situação de prostituição, considerou-se, em primeira instância, aspectos relativos ao contexto de trabalho de prostituição e sua relação com o tempo. Nesse sentido, foi possível identificar o que Bauman (2001) chama de espaço público não civil, cuja característica central

reside na transformação de indivíduos em consumidores, conforme perceptível nas passagens seguintes:

Eu aqui tento me esconder, sabe, tipo assim... procuro não me envolver. Aqui sou uma mercadoria, só isso. Meu corpo é uma mercadoria (Ana).

Eles [os clientes] passam pelas portas do quarto, avaliam o material, se gostarem perguntam o preço, se faço ou não faço o completo [programa com direito a sexo anal], às vezes entram, fazem o programa e nem sequer perguntam seu nome, por isso que estranhei o “bom dia” que você me deu, isso não é comum aqui, aí quando tem a gente fica espantada (Vitória).

Nesse ambiente, corpos são privados de suas subjetivações e tornam-se mercadorias a serem comercializadas e consumidas, muito embora não se estimule uma interação que exceda a comercialização do corpo. Algumas possíveis explicações a este fenômeno podem ser traçadas à luz de duas vertentes distintas, porém complementares. A primeira diz respeito a aspectos relacionados ao prazer e sofrimento no trabalho, em uma sociedade onde o trabalho apresenta-se como o fator de distinção entre o “cidadão” e o “marginal” (Veriguine, Basso & Soares, 2014), sob uma lente social, o trabalho das prostitutas não às dignifica enquanto cidadãs; pelo contrário, as estigmatizam e marginalizam, sendo esta uma fonte de sofrimento dessas mulheres. Tal estigmatização pode ser percebida inclusive na percepção que algumas das entrevistadas têm acerca de seu próprio trabalho.

Oxe, com certeza (risos), ser puta é a pior profissão de todas. É pior, oh, a prostituta é pior do que um traficante, porque o traficante tem fama, a prostituta não, ela é difamada, infelizmente (Carol).

Ah não, eu não vejo isso como profissão, não. Vender o corpo, eu não acho não, isso não dá nada de prazer, isso não. Isso não é trabalho, não há nada digno nisso (Helen).

A segunda vertente relaciona-se a aspectos temporais, especialmente quanto à velocidade e pontualidade (Bluedorn & Jaussi, 2007), atendo-se à expressão de que “tempo é dinheiro”, qualquer interação social, além da prevista no programa, pode representar de alguma forma prejuízo (Frezza, Grisci & Kessler, 2009), observável em diversos relatos, como:

A questão do meu tempo, eu procuro ser bem rápida, é que nem eu falo pra todos os meus clientes, tempo é dinheiro. Tempo é dinheiro. Você quer mais, paga mais, eu falo “amor, tempo é dinheiro, você tá na zona, tempo é dinheiro. (...) Se eu ficar cinco minutos dentro do quarto conversando com você, eu tô perdendo tempo do outro tá entrando na minha porta”. Tenho que ser rápida. Aqui tem que ser rápida (Ana).

Quando o tempo está acabando vou logo falando: “sai de cima de mim, goza logo e pronto” (Risos), falo mesmo, “oh, oh, já tá de novo, vai, vai, vai, vai, vai goza logo, é sério. [Seus clientes não se incomodam com isso?] Foda-se se incomodam, ou tipo, ou paga mais pra ficar meia hora ou é só rapidinha mesmo (Carol).

É inegável a importância que o tempo possui no ofício da prostituição pois, como salientado por Thompson (1991) e Hassard (2001), neste sistema, ele é uma mercadoria, algo passível de troca, sendo seu uso uma espécie de controle das relações que são estabelecidas. O jargão “tempo é dinheiro”, comumente utilizado pelas entrevistadas, parece refletir a ideia de Harvey e Sobral (1994) de que o dinheiro é usado como instrumento de controle do tempo.

Além da velocidade e da pontualidade, destaca-se também o arrastamento (Bluedorn & Jaussi, 2007) presente no cotidiano dessas prostitutas já que elas têm o poder de controlar, negociar o tempo, induzindo que o cliente se ajuste frente a isso. Observe-se que as entrevistadas afirmaram fazer em média 30 programas em dias pouco movimentados e em média 45 programas em dias de grande movimento. Assim, o aumento do lucro está diretamente relacionado ao aumento da velocidade da atividade desenvolvida (Harvey & Sobral, 1994), ou seja, quanto mais programas uma prostituta realizar, maior o rendimento de seu dia de trabalho. Visando aumentar seus rendimentos, elas adotam algumas estratégias:

Já cansei de ter relação com o homem imaginando que eu estou transando com o

meu namorado e já cansei de estar caladinha no meio do nada e lembrar que eu tenho que estar gemendo para o homem gozar (Risos), entendeu? (Risos) Deixa eu gemer senão ele não goza... [Isso é uma estratégia?] É porque ajuda, né, o homem gozar mais rápido. Então, é por isso, quando a gente passa nos corredores e tem gente gemendo numa altura, aí o cara sai mais rápido, parece que a menina está morrendo de prazer, mas é tudo fingimento (Bianca).

Eu não apresso não, mas também não sou burra, né? (Risos) Tipo assim, eu falo: "meu bem, o tempo já deu, você quer continuar ou quer parar?" [Um exemplo?] (...) assim: "Vamos fazer uma hora?" Eu falo "assim, eu me dedico assim a *performance*", para ele gozar antes e terminar em menos de uma hora (Malu).

Em função disso, a rapidez da prática sexual assume grande relevância para que se possa compreender o contexto de trabalho das prostitutas, bem como suas vivências relacionadas ao prazer e ao sofrimento no trabalho. Assim como salientado por Barros (2005), o "ganhar dinheiro" está diretamente relacionado a atender o maior número de clientes possível. Nesse sentido, nota-se uma dependência que as entrevistadas possuem ao que Frezza, Grisci e Kessler (2009) chamam de eixo do capitalismo, marcado pela perda de autonomia de seus próprios corpos e sua vida, onde tudo pode ser comprado, inclusive a vida e o próprio tempo, constituindo uma fonte de sofrimento relacionada ao trabalho. Observe-se:

Eu vim pra ficar uma semana e estou até hoje. A prostituição, pra mim, é um caminho muito errado, assim, é um caminho meio sem volta, porque dinheiro rápido eu acho que vicia muito. Não é um dinheiro fácil, porque todo mundo fala que é um dinheiro fácil e não é, é dinheiro rápido, sabe?! Eu acho que é muito viciante (Malu). Aqui dentro parece que tem uma coisa, sei lá um espírito ruim, quando você entra é muito difícil de sair. Eu entrei aqui há seis anos, já tentei sair várias vezes e não consegui, acho que é por causa do dinheiro rápido, você não passa muito aperto financeiro, mas perde em outra parte. No final das contas, acho que mais perde do que ganha (Paloma).

Outra dimensão temporal presente nos relatos é a profundidade, havendo maior ligação das entrevistadas com o futuro para pautar suas ações no presente, uma vez que a maioria delas ressalta a perspectiva de abandonar a prostituição, mediante atingimento de determinados objetivos. Para tanto, as prostitutas utilizam como uma justificativa para o tempo presente a transitoriedade do trabalho e o alcance de um futuro diferente através dos recursos obtidos por meio dele, o que corrobora com Pereira *et al.* (2016a).

Não é a coisa que eu quero pro resto da minha vida [...] (Sabrina).

No máximo, eu pretendo ficar aqui (...) nem um ano. Apenas alguns meses só. Então, eu estou fazendo curso, o dinheiro daqui eu estou investindo para eu poder sair e já arrumar outra coisa, entendeu? (Hellen).

Já juntei uma grana, vou terminar de juntar e daqui a alguns meses, se Deus quiser, eu vou tá fora daqui, (...) porque eu tô montando o meu negócio lá fora. Eu não quero, hoje eu tô com 36 anos, como eu falei, daqui a pouco vou tá com 40, 50 e não quero tá dentro da zona. 50 anos, eu quero tá com meu pezinho de meia bem formado lá fora e sossegada. [...] vamos por, daqui 10 meses, eu quero, determinei que no máximo 10 meses eu tô saindo dessa vida pra mim abrir a minha doceria que tá quase pronta (Ana).

A situação demonstrada nos relatos expostos constitui uma fonte de sofrimento tanto diacrônica, dado que ela está relacionada a acontecimentos passados, ou seja, o momento em que essas mulheres iniciaram-se no ofício da prostituição, quanto sincrônica, em função de elas ainda estarem se prostituindo e não conseguirem abandonar esse trabalho. Nesse sentido, Dejours (1992) argumenta que as consequências do sofrimento exteriorizam o espaço em que o indivíduo se insere, gerando reflexos em todos os âmbitos de suas vidas privadas, iniciando um processo de dissolução das fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de viver (Frezza, Grisci & Kessler, 2009; Pereira *et al.*, 2016).

Outro ponto importante a ser salientado refere-se à noção de compressão temporal destacada por Bauman (2007), claramente identificável em trechos das entrevistas realizadas, dando luz, portanto, a outra fonte geradora de angústia e sofrimento psíquico das prostitutas

abordadas. Soma-se a isso uma excessiva ligação ao tempo cronológico aliada a traços do ambiente de trabalho das prostitutas (ambiente fechado, com luzes artificiais, de baixa intensidade e coloridas) que as levam a uma desconexão com o tempo natural, constituindo-se em custos físicos e psíquicos de seu trabalho.

Eu fico, eu fiquei meio perdida assim com o tempo, não estou sabendo lidar muito. Eu (...) tenho meta de chegar aqui cedo e sair cedo, mas eu não consigo. Ai, assim, se eu falar, vou sair cedo, ai, chega cliente, você cresce o olho e vai ficando assim, é muito ruim. É um desgaste, assim, você não vê o tempo passar, é muito ruim (Malu). Aqui dentro parece que a hora passa mais rápido. Ainda mais quando você tá trabalhando, você assusta já tá quase na hora de você ir embora. Não tem janela, a porta é lá embaixo, tipo você entra e não tem contato com o mundo lá fora, acaba perdendo a noção de tudo, se é manhã, tarde ou noite... (Lorena).

Note-se que não foi observado relato relacionado a policronicidade. De todo modo, as percepções temporais relacionadas ao ofício das participantes deste estudo apresentam-se como importantes variáveis para que se possa aprofundar na compreensão tanto suas vivências de prazer quanto de sofrimento no trabalho.

## 5.2 Sobre prazer e sofrimento no ofício da prostituição

Inicialmente, destaca-se que o principal argumento utilizado pela maioria das entrevistadas para sustentar sua entrada e permanência na prostituição reside na questão financeira. A maioria delas (13) justifica sua atual posição em função de dar condições de vida mais dignas para suas respectivas famílias e entes queridos, sendo esta uma de suas principais fontes de prazer relativas ao seu trabalho.

E eu cansei dessa vida de fazer as coisas para os outros e vendo meus filhos passando dificuldades. Hoje em dia, eu faço só para mim e por eles. (...) Sempre me perguntam: “Por que você não está trabalhando em uma loja? em uma padaria? faxineira?” (...) foda-se... estou vivendo a minha vida, pago as minhas contas. Se eu não quisesse cuidar da minha família, eu não cuidava, mas eu penso que tenho a minha responsabilidade, cuidado e zelo (...), meus filhos ganham melhor hoje do que quando eu tinha o pai deles. Melhor, o pai não ajudava em porra de nada, minha sogra morreu, a família dos meus filhos, todos sabem que eu sou puta, todos (Carla). Bom, minha vida foi muito difícil, nunca tive ajuda nem do meu pai nem da minha mãe, hoje eles vivem as minhas custas. Comecei a trabalhar tinha 14 anos, casei, engravidei, meu marido morreu, a pensão não dava para bancar minha casa, meus filhos. Uma amiga me chamou: “vamos?”. Tinha dinheiro rápido, fui, fiquei e estou aqui até hoje. Questão de necessidade mesmo. Mas aí chegou a um certo ponto que eu conheci uma pessoa e ele tinha condições de me tirar, falou que ia me tirar, cheguei até a sair um tempo, mas não tem como, não consigo ser sustentada por homem não, prefiro trabalhar (Suelen).

Identifica-se, então, o fato de que a prostituição é um meio de se ganhar dinheiro rápido. Destaca-se, ainda, como percebido na fala da maioria das entrevistadas, um processo latente de empoderamento, no qual elas, apesar de não se sentirem felizes em trabalhar como prostitutas, têm orgulho de terem coragem para tal, mudando o curso de sua vida e, em especial, de pessoas que lhe são importantes. Destarte, tais sentimentos podem ser compreendidos tanto como fontes de prazer, dado que elas, em um sistema psicossocial, articulam suas necessidades e desejos com o trabalho (Castro & Cançado, 2009), bem como uma estratégia para lidar com e ressignificar o sofrimento imposto por vivências no trabalho (Dejours, 1994). Apesar de tal orgulho, alguns trechos das entrevistas ainda desvelam a grande carga psíquica imposta pelo estigma que carregam, como corporificação do erro, do engano, do mal.

Vim pra cá mais por necessidade. Porque eu acho que a maioria das meninas, tivesse uma oportunidade de mudar e ficar certa, seguir o caminho certo, trabalhar, ficar certinha, a maioria sairia da prostituição e ficaria certa, eu sou uma (Samara). Sempre vão me enxergar como o mal. Se eu, como prostituta, não me aceito, como que os outros vão me aceitar? (Vitória).

Nota-se, portanto, um processo de autoestigmatização por parte de algumas das entrevistadas, principalmente, ao utilizarem termos como “ficar certa”, “seguir o caminho certo”, dentre outros, que denotam uma considerável carga psíquica, ou seja, um elevado sofrimento oriundo de elementos relacionais e afetivos dos trabalhadores frente ao seu trabalho (Dejours, 1994).

Percebe-se ainda, assim como ressaltado por Pereira *et al.* (2016), um processo contínuo de negação ao prazer por parte das entrevistadas, dado que o prazer neste trabalho é visto como algo que pode desviar a atenção do que realmente importa, o dinheiro. Sendo assim, neste ramo, a negação ao prazer é vista como maturidade da prestadora do serviço.

Aqui não é lugar de puta gozar, não, meu filho, aqui é lugar de fazer dinheiro (Fernanda).

Antigamente na Brilhante [nome de um “hotel de batalha”], logo quando comecei, tinha muitos homens bonitos e tal, eu acho que eu era a gozolândia em pessoa (risos). Mas, hoje em dia, eu acho que é o contrário, amadureci e parei com isso (Vitória).

Em contrapartida, as vivências de sofrimento no trabalho de prostitutas já se fazem presentes com muito mais frequência e intensidade que as vivências relacionadas ao prazer. Dentre os motivos de maior frequência nos relatos, destacam-se a violência verbal ou física, o preconceito, ir contra valores pessoais e o tipo de cliente atendido.

Mas já sofri muita discriminação. Homem me xingar, falar as coisas, e na hora eu brigava com ele, mas na hora que ele saía, doía. Eu sentia, falava “por que eu tô fazendo isso?” Eu não sou obrigada a aguentar isso mais, não (Ana).

Tem muitos homens que olham para gente igual lixo, sabe?! A gente vê a expressão deles, sabe?! A gente fala o valor do programa, aí eles olham para a gente como que se estivesse cobrando um absurdo, sabe, é muito ruim, quinze reais não é nada (Bianca).

Taxista desgraçado. Fui parar na delegacia com ele. Entrei no táxi: “me leva no Shopping Del Rey [centro comercial relativamente distante da Rua Guaicurus]?”. Ele virou, olhou para minha cara: “Você faz o que?” “Trabalho ali na zona”. “Sai do meu táxi agora”. “Não vou sair, por que eu tenho que sair do seu táxi? Vou pagar, estou pagando, meu filho”. “Sai do meu táxi agora”. “Não vou sair e fique!”. O cara deu a volta me puxou pelo cabelo e me colocou para fora do táxi. Falei: “você me puxou pelo cabelo e me botou para fora do táxi? Está bom”, peguei meu tamanco “páaaa”, quebrei o vidro do carro. Aí passou polícia lá. Aí eu falei para o policial o que tinha acontecido. O homem puto, gritando, gritando, gritando, gritando, policial saiu, o homem foi e me deu um soco aqui, peguei a garrafa que estava no chão taquei na mão dele (Suelen).

Assim como salientado por diversos estudos cujo tema central era a prostituição, aspectos relacionados à violência e ao preconceito são alguns dos principais reflexos oriundos do estigma social da prostituta (Leite, 2008; Cunha, 2014; Lobo & Meihy, 2015; Sampaio, 2016; Pereira *et al.*, 2016; 2016a), sendo estes, frutos de uma construção social que marginaliza esses “seres errantes” (Roberts, 1992; Barreto, 2013), em função da sujeira, impureza e “pouca vergonha” de seu ofício (Ashforth & Kreiner, 1999; Lhuillier, 2012). Nesse mesmo sentido, sublinha-se ainda um processo de autopunição psicológica de algumas prostitutas, sobretudo aquelas que se consideram religiosas, dado que suas ações vão de encontro aos seus valores pessoais, ou seja, representam um sofrimento diacrônico que se fundamenta com base em valores solidificados ao longo de sua história pessoal (Dejours, 1992), conforme retratado nos relatos a seguir.

O pecado! A única coisa, porque eu sei que eu tô errando, mas... Eu vivo isso sabendo que não pode. [Você sofre por causa disso?] Muito, misericórdia, demais! (Carol).

O peso da mão de Deus é muito árduo, né? E eu conheço a Palavra [Bíblia] e por alguns motivos eu vim parar aqui, motivos sérios. Então, eu tive que vir parar aqui, entendeu? Eu não deixei da igreja, só que eu deixei de tomar a santa ceia, eu deixei, eu deixei de viver a minha vida cristã por causa disso aqui (Gi).

Importa destacar ainda que os clientes também são, mesmo que paradoxalmente, em algumas instâncias, fonte de sofrimento no trabalho das prostitutas. Em geral, apesar de os clientes estarem relacionados à principal fonte de prazer relatada pelas entrevistadas (dinheiro), por outro lado eles causam sofrimento, por motivos diversos, como:

- seu próprio comportamento:

Para mim, a parte negativa são os bêbados, os noiados, esses drogados que vêm. É a parte mais difícil pra mim lidar dentro desse lugar (Ana).

Tem o que pede para chamar ele de pai. “Senta no colo, me chama de pai”. Acho que ele é pedófilo, porque não é possível. Como que a pessoa vem aqui e me pede para chamar ele de pai, de tio, “oh papai”. “Pede seu pai para comer seu...”, não gosto nem de falar (Suelen).

- pelo fato de estarem “consumindo” a mercadoria pela qual pagaram:

É um desgaste muito emocional. Eu posso sair daqui com 200 reais, com 500 reais, eu nunca vou embora, nunca vou embora feliz (Malu).

É difícil, porque não é uma pessoa que você gosta, é qualquer pessoa que aparecer. Aí, você pensa primeiro no dinheiro (Samara).

Para lidar com o sofrimento, as entrevistadas utilizam diversas estratégias no sentido de atenuá-lo ou evitá-lo (Tamayo & Mendes, 1999), sendo a principal o uso de drogas lícitas e/ou ilícitas; algumas admitiram usá-las, outras afirmaram ter amigas que assim fazem:

Eu uso maconha e bebida. Eu bebo para caramba, gosto de beber, não quando eu venho para cá, mas quando saio eu gosto de beber. (...) Hoje de manhã, eu estava muito estressada, aí tive que fumar um, porque homem é um saco (Fernanda).

Eu vou falar a verdade, eu tomo qualquer remédio tarja preta pra trabalhar aqui, porque você fica mais tranquila, entendeu? Esses tarja preta mesmo, a gente compra aí na clandestinidade (risos). Esses farmacêuticos mesmo, na boca da farmácia a gente compra, (...) eu tomo todo dia, para poder ficar mais agradável (Sabrina).

Interessante sublinhar como a profundidade temporal (Bluedorn & Jaussi, 2007) pode estar conectada de dois modos observados:

- ora como fonte de sofrimento para aquelas mais presas psicologicamente ao passado, dado que as escolhas feitas lá, de alguma maneira convergiram para sua atual situação:

Se eu tivesse escutado minha mãe, se tivesse estudado ao invés de casar, eu estaria em uma situação muito diferente nesta vida. O pior é eu nem tive tempo de pedir desculpas a ela, nem de falar que ela estava certa (Gi).

Olha pra você ver, eu entrei em 2 faculdades e não consegui. Eu estava olhando umas amigas minha que entraram na mesma época que eu, quando eu nem estava trabalhando aqui ainda sabe, já formaram sabe. Mas não sei, isso me frustra um pouquinho. Tem uma coisa me agarrando, que eu tenho que ficar aqui, não sei o que é não viu (Sabrina).

- ora como meio de enfrentamento, para aquelas cuja profundidade temporal fixa-se no futuro, que focam em oportunidades vindouras:

Ah, porque eu vejo assim que o tempo flui muito rápido, eu procuro sair daqui, terminar minha faculdade, entendeu? Eu ter uma (...) vida melhor (Malu).

Em breve eu vou sair daqui e montar meu negócio, graças a Deus. Consegui resolver quase todos os meus problemas e ainda fiz um pé de meia. Meus dias aqui estão contados, com a graça de Deus (Patrícia).

Em termos gerais, ficou nítida a predominância das vivências de sofrimento no cotidiano das prostitutas, pois para muitas delas o tempo vivenciado na prostituição é um tempo de sofrimento, em que reina o tempo cronológico. Isto traz consequências para além do tempo de trabalho, atingindo também o tempo livre dessas prostitutas, que carregam consigo opressões oriundas da profissão e solidão, pois muitas vezes precisam lidar sozinhas com essa situação, já que não possuem apoio sequer dos familiares que sustentam. Apegar-se à máxima “tempo é dinheiro” parece ser a fonte de prazer que lhes faz continuar nessa ocupação.

## 6 Considerações Finais

Os principais resultados deste estudo apontam uma considerável influência de

aspectos temporais na forma com que as vivências de prazer e de sofrimento são experimentadas pelas prostitutas entrevistadas.

Nesse sentido, identifica-se um processo de mercadorização do tempo, pois unidades do mesmo são colocadas à troca por dinheiro, consolidando o jargão “tempo é dinheiro” - que reúne aspectos de pontualidade e velocidade -, comumente utilizado no mundo do trabalho e plenamente absorvido e exposto pelas prostitutas entrevistadas, focadamente em suas relações com clientes e com a sociedade, de modo geral. Em função de tal, nota-se a compressão temporal, na qual o “tempo de viver” é pressionado pelo “tempo de trabalho”, no qual elas se vêem perdidas, muitas vezes, inclusive pela desconexão com o tempo natural, fruto do seu ambiente físico de trabalho, fato que acarreta sofrimento físico e, principalmente, psíquico das prostitutas.

Como reflexo desse paradoxal contexto, no qual mulheres trabalham para sobreviver e garantir a sobrevivência de familiares, elas são oprimidas e estigmatizadas tanto por eles como por elas mesmas, ampliando os custos físicos e psíquicos desse trabalho. Para as entrevistadas, o prazer está relacionado basicamente à questão financeira, bem como ao anseio de “sair dessa vida” e tomar um “caminho reto”, deixando para trás as marcas da prostituição. Essa profundidade temporal futura atribui uma ideia de transitoriedade ao ofício da prostituição, na qual os meios justificam os fins e o sofrimento de hoje visa o prazer no amanhã.

Note-se, ainda, que as principais vivências de sofrimento discutidas neste estudo são um reflexo da construção social de que a prostituição é algo sujo, imoral e pecaminoso (sendo associada principalmente aos pecados capitais da luxúria e da preguiça), fato que constrói a ideia de que as prostitutas são “mulheres de vida fácil”, jargão completamente repudiado pelas mesmas, como presente em suas falas sobre suas histórias de vida.

Assim sendo, este estudo contribui para o desnudamento de facetas de um “trabalho sujo” pouco investigado, assim como reúne temáticas contemporâneas do campo da gestão de pessoas e comportamento organizacional, a saber, percepções temporais e prazer e sofrimento no trabalho, abrindo espaço tanto para o aprofundamento desses temas (de modo integrado ou não), assim como para a inserção de outros temas e conexões, observados nas entrevistas, como: estresse ocupacional; síndrome de *burnout*; sentido e significado do trabalho; violência no trabalho; diversidade, diferenças e discriminação no trabalho; dentre outros.

Como limitações do presente estudo destaca-se a dificuldade na etapa de coleta de dados da pesquisa, uma vez que a mesma foi realizada *in loco*, ou seja, nos prostíbulos em seus horários normais de funcionamento. A opção por uma abordagem qualitativa também reduz as possibilidades de generalização dos resultados, denotando a necessidade de se ampliar o campo de pesquisa em investigações futuras.

Por fim, tendo-se em conta que todos os sujeitos de pesquisa foram mulheres e que quase metade das entrevistadas se encaixam no perfil de jovem trabalhador (abaixo de 26 anos), sugere-se o desenvolvimento de estudos que contemplem estes públicos, assim como outros em pesquisas comparativas, de modo a se aprofundar em peculiaridades voltadas para a diversidade, tema tão significativo e que vem sendo alvo de discussões mais amplas na sociedade, principalmente em função das violências de toda ordem a ele relacionadas, nas quais o mundo do trabalho não se constitui exceção.

## Referências

- Antunes, R. (2008) *Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo: Cortez.
- Ashforth, B. E. & Kreiner, G. E. (1999) How Can You Do It?': Dirty Work and the Challenge of Constructing a Positive Identity. *The Academy of Management Review*, 24(3), 413-434.

- Augusto, M. M., Freitas, L. G. & Mendes, A. M. (2014) Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa *Psicologia em Revista*, 20(1), 34-55.
- Barreto, L. C. (2013) *Prostituição, gênero e trabalho*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Barreto, L. C. & Prado, M. A. M. (2010) Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(2), 193-205.
- Barros, L. A. (2005) Mariposas que trabalham: uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. *Jus Navigandi*, 9(827), 1-38.
- Bassermann, L. (1994) *The oldest profession: a history of prostitution*. New York: Dorset House Publishing Co. Inc.
- Bauman, Z. (2007) *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Berger, P. L.; Luckmann, T. (2004) *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bluedorn, A. C. & Jaussi, K. S. (2007) Organizationally Relevant Dimensions of time across levels of analysis. In: Dansereau, F. & Yammarino, F. J. (orgs.) *Multi-Level Issues in Organizations and Time* (v. 6, pp. 187-223). Oxford: Elsevier.
- Butler, R. (1995) Time in Organizations. *Organization Studies*, 16(6), 925-950.
- Castro, P. M. & Cançado, V. L. (2009) Prazer e sofrimento no trabalho: a vivência de profissionais de recursos humanos. *Gestão & Planejamento*, 10(1), 19-37.
- Cunha, L. A. (2014) *Prostituição e religião: a trajetória religiosa de mulheres que praticam a prostituição na região de Santo Amaro – São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Dejours, C. (1999) *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: FGV.
- Dejours, C. (1994) A carga psíquica do trabalho. In: Dejours, C., Abdoucheli, E. & Jayet, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 21-32). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (1992) Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In: Chanlat, J. F. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas* (pp. 149-173). São Paulo: Atlas.
- Elias, N. (1998) *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Engel, M. (1989) *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1880-1890)*. São Paulo: Brasiliense.
- Fanganiello, A. L. S. (2008) *Profissionais do sexo e autoimagem na cidade de São Paulo*. De: < <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/18753>>, acessado em abril 3, 2017.
- Frezza, M., Grisci, C. L. I. & Kessler, C. K. (2009) Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. *Revista de Administração Contemporânea*, 13(3), 487-503.
- Grisci, C. L. I. (1999) Trabalho, tempo e subjetividade: impactos da reestruturação produtiva e o papel da psicologia nas organizações. *Psicologia: Ciência e profissão*, 19(1), 2-13.
- Harvey, D. & Sobral, A. U. (1994) *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola.
- Hassard, J. (2001) Imagens do tempo no trabalho e na organização. In: Clegg, S. R., Hardy, C., Nord, W. R., Caldas, M., Fachin, R. & Fischer, T. *Handbook de estudos organizacionais* (v. 2, pp. 190-216). São Paulo: Atlas.
- Hughes, E. C. (1958) *Men and their work*. EUA: The Free Press of Glencoe.
- Jönsson, B. (2004) *Dez considerações sobre o tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio Ed.
- Klein, E. (1995) *O tempo*. Instituto Piaget, Lisboa.
- Legardinier, C. (2009) Prostituição. In: Hirata, H. et al. *Dicionário crítico do feminismo* (pp.198-203). São Paulo: UNESP.
- Leite, G. S. (2008) *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. São Paulo: Editora Objetiva.
- Lhuillier, D. (2012) A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações saúde-trabalho. *Trabalho & Educação*, 21(1), 13-38.



- Lobo, B. N. L. & Sampaio, J. A. L. (2016) A prostituição e a dignidade da pessoa humana: crítica literária e musical à negação do direito fundamental ao trabalho. *Espaço Jurídico: Journal of Law*, 17(3), 913-932.
- Lourenço, C. D. S., Ferreira, P. A. & Brito, M. J. (2013) O Significado do Trabalho para uma Executiva: a Dicotomia Prazer e Sofrimento. *Revista Organizações em Contexto*, 9(17), 247-279.
- Martins, A. A. V. & Honório, L. C. (2014) Prazer e sofrimento docente em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais. *Organizações & Sociedade*, 21(68), 79-96.
- Meihy, J. C. S. B. (2015) *Prostituição à brasileira*. São Paulo: Contexto.
- Mello, H. D. A. & Tonelli, M. J. (2002a) O tempo e as organizações: Concepções do Tempo em Periódicos de Estudos Organizacionais. In: II Encontro de Estudos Organizacionais – EnEO/ANPAD, Recife, PE, Brasil.
- Mello, H. D. A. & Tonelli, M. J. (2002b) Tempo é dinheiro? A construção do tempo na administração contemporânea. In: XXVI Encontro da ANPAD - EnANPAD, Salvador, BA, Brasil.
- MTE - Ministério do Trabalho e Emprego. (2008) *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) - Profissionais do sexo*, 2008. De <<http://www.mteco.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>>, acessado em fevereiro 27, 2017.
- Paiva, K. C. M. *et al.* (2013) O Tempo no Setor Varejo: Percepções e Vivências de Gerentes e Vendedores Brasileiros. *Tourism & Management Studies*, 12(special issue), 259-269.
- Paiva, K. C. M. *et al.* (2011) Quanto Tempo o Tempo Tem? Um estudo sobre o(s) tempo(s) de gestores do varejo em Belo Horizonte (MG). *Organizações & Sociedade*, 18(59), 661-679.
- Paiva, K. C. M. & Mageste, G. S. (2008) Ação, Devoção e Desilusão: Incluindo as Categorias Cultura e Tempo na Análise da Função Gerencial. In: XXXII Encontro da ANPAD - EnANPAD, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Pereira, J. R. *et al.* (2016a) Onde se Ganha o Pão Não se Come a Carne: entradas e saídas dos territórios e territorialidades da Zona de Prostituição da Guaicurus em Belo Horizonte. In: IX Encontro de Estudos Organizacionais - EnEO/ANPAD, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Pereira, J. R. *et al.* (2016b) “O show tem que continuar”: uma análise do sentido do trabalho e construção da identidade de prostitutas da Guaicurus. In: XL Encontro da ANPAD - EnANPAD, Costa do Sauípe, BA, Brasil.
- Pizza Jr., W. (1997) Tempo nas organizações. *Revista de Administração Pública*, 31(1), 4-16.
- Roberts, N. (1992) *As prostitutas da história*. Rio de Janeiro: Rosas dos tempos.
- Sacramento, O.; Ribeiro, M. (2014) Mulheres marcadas: prostituição, ordem e exclusão. *Cuadernos de Trabajo Social*, 27(1), 197-209.
- Tamayo, A. & Mendes, A. M. (1999) Valores e vivências de prazer-sofrimento nas organizações. In: XXXIII Encontro da ANPAD - EnANPAD, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Taylor, F. W. (1970) *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas.
- Tonelli, M. J. (2008) Sentidos do tempo e do tempo de trabalho na vida cotidiana. *Organizações & Sociedade*, 15(45), 207-217.
- Thompson, E. P. (1991) Time, work-discipline and industrial capitalism. In: *Customs in common* (pp.352–403). London: Merlin Press.
- Vergara, S. C. & Vieira, M. M. F. (2005) Sobre a dimensão tempo-espaço na análise organizacional. *Revista de Administração Contemporânea*, 9(2), 103-119.
- Vergara, S. C. (2009). *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas.
- Veriguine, N. R., Basso, C. & Soares, D. H. P. (2014) Juventude e Perspectivas de Futuro: A Orientação Profissional no Programa Primeiro Emprego. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(4), 1032-1044.
- Whitrow, G. J. (2005) *O que é o tempo?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.